

O MOMENTO DO DIÁRIO DE PESQUISA NA EDUCAÇÃO

Remi Hess*

APRESENTAÇÃO

No mês de agosto de 2006, o PPGEA da FURG convidou o Prof. Dr. Hemi Hess para fazer parte do 5º Seminário de Pesquisa Transdisciplinar “As Três Ecologias de Félix Guattari”, sob a minha responsabilidade, ao qual se seguiu um Seminário Intensivo organizado pelo Programa “Opción Docencia” de formação de Professores da Facultad de Ciencias Humanas de la Universidad de la República (Montevideu-Uruguai), coordenado pela Profa. Dra. Maria Inês Copello. Parte do material trabalhado nesses Seminários tornou-se objeto da presente entrevista, realizada em Paris e logo revisada por mim.

Prof. Dr. Alfredo MARTÍN GENTINI – PPGEA

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Desde 1976, você utiliza o diário na formação, mas também no terreno da investigação nos estabelecimentos de educação, na formação dos docentes, etc.... Muitos colegas precederam-no ou seguiram-no nesse caminho, mas outros universitários disseram frequentemente que escrever o seu diário não é pesquisa. Eu proponho-lhe aqui pensar sobre a utilização do diário de pesquisa na educação.

Remi HESS: Em 1996, eu quis problematizar esta questão. Durante dois anos (1996-1998), eu desenvolvi uma prática do diário em diversos sentidos (a minha pedagogia do tango em Paris VIII, a minha

* Sociólogo e Doutor em Ciências da Educação. Socianalista. Escritor, responsável de Coleção Editorial Anthropos – Paris. Professor de Análise Institucional – Departamento de Ciências da Educação – Paris VIII Coordenador do Centre de recherches Éducation, Expérience et Ressources Culturelles – Laboratoire EXPERICE – Universités Paris VIII e Paris XIII Université Paris 8 Département des sciences de l'éducation 2, rue de la Liberté 93526 Saint-Denis CEDEX
e-mail: remihess@noos.fr

pesquisa sobre o intercultural, a educação doméstica, a exploração de arquivos)... Eu publiquei alguns desses diários (sobre a pedagogia da dança¹, sobre o intercultural²). Ao mesmo tempo, explorei diversos diários encontrados nos papéis de família. Publiquei um deles³ e estou preparando a edição de um segundo...

Em paralelo a esta prática, me permitindo constituir um corpus, explorei a história do diarismo na educação. Encontrei a base dos seus princípios no Marc-Antoine Jullien desde 1808. De lá, eu escrevi um livro teórico sobre a prática do diário⁴. Eu confrontei também esse dispositivo com aquele das histórias de vida, debatendo na conferência de Rennes 1998, onde todos os pioneiros deste método se encontraram (Gaston Pineau, Jean-Louis Grande, Philippe Lejeune, Vincent de Gaulejac e os outros).

A descrição meticulosa dos problemas diários do pesquisador, o momento do diário permitiu-me resolver as situações bloqueadas (organização da pesquisa), mas também esclarecer as áreas sobre as quais eu desenvolvi pesquisas desde anos sem conseguir extrair conclusões científicas que eu pudesse partilhar socialmente. Em 1999, comecei a publicar individualmente ou coletivamente estes produtos (*Parcours, passages et paradoxes de l'interculturel*, coletivo, por exemplo⁵).

Assim, o diário foi, para mim, uma técnica indispensável, uma passagem, que me permitiu estar a claro com minhas próprias ideias. Os funcionamentos do “foro íntimo” (seu próprio pensamento) ou “do forum exterior” (grupos de pesquisa) onde se estabelecem as ligações que dão senso à pesquisa são transdutivos. A transdutividade é rica, mas dissociativa... Se se quiser sair desta dissociação que vive a maioria dos pesquisadores, se se quer impedir de assimilar a pesquisa à publicação dos catálogos de “pesquisas” anteriores, é necessário, um dia, decidir-se

¹ Remi Hess, *Le moment tango* (1997, 315 p.) et *Les tangomaniaques* (1998, 295 p.) Paris, Anthropos, coll. "Anthropologie de la danse".

² Remi Hess, *Pédagogues sans frontière* (1998, 300 p.), Paris, Anthropos, coll. "Exploration interculturelle et science sociale".

³ Paul Hess, *La vie à Reims pendant la guerre de 1914-1918*, Paris, Anthropos, 1998, 680 pages dont 32 d'illustrations et 60 pages de présentation.

⁴ Remi Hess, *La pratique du journal: l'enquête au quotidien*, Paris, Anthropos, 1998, coll. "Exploration interculturelle et science sociale", 142 pages.

⁵ R. Hess, Christoph Wulf, *Parcours, passages et paradoxes de l'interculturel*, Paris, Anthropos, 1999, 240 pages.

explorar a transversalidade das situações de maneira multirreferencial. O diário permite ao mesmo tempo sair da inibição e arriscar este salto qualitativo do acesso ao conceito... Eu proponho desenvolver estas ideias nas páginas que seguem.

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Há outras técnicas para fazer esse trabalho. Pessoalmente, trabalhei muito sobre a autobiografia raciocinada, conceito e dispositivo desenvolvidos por Henri Desroche.²

Remi HESS: Sim. Você tem razão de inscrever o meu método do diário em um movimento mais largo: o movimento do biográfico, ou da escrita implicada. Há um continuum da escrita biográfica no qual se encontra a história de vida, o autobiográfico, o diário, a correspondência, a monografia de família. Trabalho sobre uma história deste movimento, particularmente no XIX^o século. Desde 2000, na França, Christine Delory-Momberger publicou quatro livros que fazem avançar esta história do biográfico³. A antiga estudante, hoje uma amiga, fez-me, além disso, contar a minha própria história de vida⁴. Portanto, concordo com você que o diário se inscreve mais geralmente dentro de um movimento biográfico cujos instrumentos são múltiplos e complementares.

Clarisse FARIA-FORTECOEF: O diário pode ele se inscrever no campo das histórias de vida?

Remi HESS: Sim. Ou melhor: dir-se-á que, como a história de vida, o diário inscreve-se no movimento da escrita biográfica.

³ Christine Delory-Momberger, *Les histoires de vie, De l'invention de soi au projet de formation*, Paris, Anthropos, 2000, 290 p., 2^o éd. coll. " Anthropologie ", 2004. *Biographie et éducation, Figures de l'individu-projet*, Paris, Anthropos, coll. " éducation ", 2003.

Histoire de vie et recherche biographique et éducation, Paris, Anthropos, coll. " éducation ", 2005, 177 p.

"A história de vida: um cruzamento intercultural" (The History of Life: an Intercultural Crossing). Tradução de Carolina Soccio Di Manno de Almeida e Michell Soccio Di Manno de Almeida, *Educação e Linguagem*, dossier: *Multireferencialidade e Educação*, Ano 7, n^o9, janv.-jun. 2004, São Bernardo do Campo, UESP, São Paulo, p. 55-72.

⁴ Christine Delory-Momberger, Remi Hess, *Le sens de l'histoire, moments d'une biographie*, Paris, Anthropos, 2001, 414 pages.

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Donde vem a vossa prática do diário?

Remi HESS: Para mim, o diário é inicialmente uma forma de escrita doméstica. Na minha família, a escrita do diário não é rara. Meu avô paterno ergueu o diário ao estatuto de obra publicável, mas diversas outras pessoas, antes ou depois dele (minha avó paterna e minha mãe), mantiveram diários pessoais... Para dar uma ideia do volume do diário de minha mãe, eu direi que começou em 1925 (quando ela tinha 13 anos) e que ela parou em 1995, quando as suas forças físicas não lhe permitiram mais mantê-lo (sofreu de afasia antes de morrer no 31 de outubro de 1998). Globalmente, seu diário estende-se sobre 70 anos. Tendo recebido o depósito dos papéis de família em janeiro de 1998, pude cifrar o volume deste documento que conta com várias dezenas de cadernos de estatutos diferentes: os temas variam em função das épocas: há um diário de viagem; outros a respeito da educação das crianças, com certos períodos particularmente ricos para nós: 1968, por exemplo. Os formatos são também diferentes... Mas, é em milhares de páginas que se deve avaliar. Eu fui informado da existência deste diário somente em 1997, quer dizer bem depois que eu me lancei, eu mesmo, na pesquisa que evoco aqui. Foi quando uma das minhas irmãs caiu em cima, por acaso, ao arrumar um armário um dia antes de uma mudança... Quando nós pudemos evocar este diário com minha mãe, ela disse que eram textos sem importância... Entretanto, ela relia-os regularmente, dando-nos a impressão de ter uma memória extraordinária porque podia datar todos os eventos familiares com uma precisão extrema...

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Nunca nenhum dos seus filhos a viram escrever?

Remi HESS: Não. Escrevia de manhã, quando nós íamos para a escola ou para o liceu. Não tenho a certeza de que o meu pai teve consciência dessa escrita da minha mãe. Minha mãe escreveu assim todos os dias, sem que os seus 4 filhos realizassem a sua empresa. Outra observação: ela mantinha esse diário bem antes de entrar na família Hess, visto que o seu casamento com o meu pai data somente de 1945 (eu nasci em 1947). Ela era assim herdeira de uma tradição em comum com a família do seu esposo... Se ela nunca evocou esta escrita na frente

dos seus filhos, minha mãe, durante nossa pequena infância, empurrou-nos a escrever cada dia os pensamentos, as ideias que nos passavam pela cabeça desde a nossa mais jovem idade... Por exemplo, durante a minha primeira viagem à Alemanha, feita com minha irmã Odile (eu tinha 14 e ela 13 anos), quando fomos alojados em casa de uma família amiga. A injunção para escrever nossas impressões de viagem (era a primeira vez que nós íamos ao estrangeiro) foi tão forte que nós produzimos um diário de viagem extremamente desenvolvido (ilustrado com desenhos, fotografias e colagens) que foram arquivados nos papéis de família e que, às vezes, nos acontecia de olhar... A escrita de diário não era além disso a única a ser valorizada na família, pois nós nos escrevíamos muito. Desde que um filho ia, em colônia de férias, por exemplo, ele escrevia cartas frequentemente decoradas de desenhos... que eram lidas à mesa por aqueles que tinham ficado em casa... como se fazia já, na geração precedente, na família de meu pai.

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Não era esse hábito frequente em certos meios sociais, como por exemplo, a aristocracia?

Remi HESS: Essa escrita existia antes de Montaigne. Ela encontra-se em famílias ricas, mas o que é interessante na minha família, é que é formada por gente simples: meu avô só foi à escola até os 14 anos. A família transmite a escrita (e a leitura) fora da escola. Assim, o pai do meu bisavô era operário agrícola e ensinou seu filho a ler. Assim, se encontra essa tradição nos meios ricos, mas também nos pobres. A ideia que eu gostaria de desenvolver aqui é que quando eu entrei na universidade (meus pais foram para a escola somente até os 16 e 15 anos; eu fui assim o primeiro diplomado da minha família), minha prática do diarismo era já bastante desenvolvida. Era uma prática pessoal, ou melhor, doméstica, sem ligação com o ensino da língua que eu recebi do sistema escolar... no qual eu era um aluno medíocre⁵, particularmente em francês... Por volta dos 15 anos, eu escrevi uma novela que rasguei, seguido da reação escandalizada do meu pai: eu tinha intitulado *Le prisonnier* (O prisioneiro) e era a narração da minha vida na escola. Meu pai tinha sido prisioneiro cinco anos na Alemanha e tinha

⁵ Conte a minha relação com a escola em R. Hess, *Chemin faisant, roman institutionnel d'un ethnosociologue de l'éducation*, Vauchrétien, Ivan Davy, coll. "Itinéraires", dir. Ahmed Lamih, 1996.

vivido mal por ter sido excluído, ainda jovem, do sistema escolar que ele respeitava. Isso explica porque não apreciou a minha metáfora, que era provavelmente um pouco exagerada e em todo o caso em avanço sobre títulos do tipo *L'école caserne* (A escola quartel)... que iriam assegurar aos seus autores, dez anos depois, o sucesso em livraria... Enfim, tudo isso para dizer que eu renunciei, então, à literatura, mas não à escrita, que estava registrada como um “momento” na vida de todos os membros de minha família desde... Louis XIV. Os escritos de família, numa família muito pouco escolarizada, conseguiram, assim, ser transmitidos durante diversos séculos, apesar das revoluções, das guerras e destruições⁶. Ao mesmo tempo em que havia uma verdadeira atividade de arquivagem por parte dos chefes de família para os papéis a respeito das gerações precedentes, como criança, eu não tive a impressão de uma valorização excessiva dos traços dos contemporâneos... Entretanto, eu tive que anotar que toda a correspondência familiar, de 1914 até hoje, foi conservada (somente sobre o período 1914-1918, 378 letras do meu avô foram classificadas; mas é a mesma coisa a propósito dos pacotes de cartas recebidas por meu avô do seu sogro, em Paris durante a guerra de 1914, da minha mãe ou do meu pai durante o período seguinte, etc.; nós temos, por exemplo, a correspondência deles antes do casamento)... Assim, o diário ocupa o seu lugar ao lado de outras formas de escrita, como a correspondência, mas também de textos de testemunhos, de livros de família, de livros de razão, etc. A injunção de escrever o diário foi transmitida por meu avô aos seus filhos mais velhos... Meus primos têm seus próprios arquivos. Porém escolheram destruir uma parte deles...

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Como pode se explicar esta tradição?

Remi HESS: É uma boa pergunta. Eu procuro a resposta há muito tempo. Eu anunciei, no começo desta entrevista, o livro do Marc-Antoine Jullien que umas das minhas estudantes vem apenas reeditar nas edições

⁶ Quando a sua casa queimou no dia 19 de setembro de 1914, Paul Hess só salvou uma coisa: os papéis de família que ele enterrou depois num jardim, no interior de tubos de ferro fundido... como ele o explica em *La vie à Reims pendant la guerre de 1914-1918*..

Anthropos: *Essai sur l'emploi du temps*⁷. O livro foi reeditado diversas vezes no século XIX. Foi traduzido. Suponho que os meus antepassados conheceram-no e utilizaram o método sugerido, adaptando-o às suas próprias necessidades.

Clarisse FARIA-FORTECOEF: O que eu não compreendo é o aspecto secreto do diário de sua mãe. Quando se escreve um diário, é para que ele seja público? Quando eu escrevo, é para comunicar.

Remi HESS: Na minha família, havia diários para si e diários para os outros. Assim, Paul Hess quer testemunhar o cotidiano que ele vive em Reims durante a guerra de 1914-18 (bombardeamentos todos os dias). Fez um outro diário em 1939-47, com a mesma intenção de “testemunhar”. Ao contrário, minha mãe mantém seu diário mais para refletir sobre sua ação. Entre 1960 e 1978, seu diário é realmente um diário de reflexão sobre a sua profissão de mãe. Anota nossas discussões. Não concorda com a nossa opinião em 1968. Polemiza conosco. Seu diário ajuda-a a pensar sua ação educativa. Na minha opinião, é um verdadeiro diário de pesquisa.

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Um instrumento de pesquisa?

Remi HESS: Exato. É um instrumento da sua prática de mãe “reflexiva”, conforme Schön afirma a propósito do “prático reflexivo”. A moda de hoje tende ao “prático reflexivo”. Está claro que tal prática existe há muito tempo. As pessoas que mantêm um diário querem inicialmente refletir sobre o seu modo de ação, de intervenção. Se eu insisto tanto na função da transmissão da escrita em nossa casa, é porque me parece ser uma tradição pouco estudada no meio popular, pelos historiadores ou pelos sociólogos da educação, que reduzem frequentemente a educação à escola. Na França, retira-se recorrentemente a impressão, com a leitura daquilo que é escrito sobre a história da escola, a escola obrigatória que ensinou a ler e a escrever a

⁷ Marc-Antoine Jullien, *Essai sur une méthode qui a pour objet de bien régler l'emploi du tems, premier moyen d'être heureux ; A l'usage des jeunes gens de l'âge de 16 à 25 ans ; extrait d'un travail général, plus étendu, sur l'éducation*, Paris, Firmin Didot, 1808, 206 pages. Nouvelle édition par Kareen Illiade sous le titre *Essai sur l'emploi du temps*, de M.-A. Jullien, Paris, Anthropos, 2006.

todos os pequenos franceses... e tem-se frequentemente a impressão de que antes dessa escola, o povo era completamente inculto e analfabeto. Isso também faz parte do mito da escola libertadora, a ideia de que a escola arrancou, no século XIX, as crianças de famílias que as exploravam no trabalho dos campos, particularmente, as quais lutavam contra o esforço de escolarização. Eu não nego que a escola é melhor para a criança do que o trabalho no fundo das minas, mas o que eu quero dizer, é que sempre existiram famílias, mesmo no meio popular, onde se transmitia uma cultura escrita. Nos papéis de família, além dos traços encontrados, eu descubro que um dos meus antepassados, operário agrícola desempregado em 1848, pobre demais para ter sapatos, fazia os seus dois filhos pedirem esmola para permitir à sua casa a sobrevivência. Ao mesmo tempo, ensinou a um deles a ler com *Voyage en Icarie*, de Etienne Cabet. É o filho assim “educado”⁸ que nos deixou suas memórias de infância... Certamente que não se pode julgar a partir de um caso. Ao mesmo tempo, a minha mãe é também herdeira dessa tradição, mas vem de uma outra região da França! Assim, permito-me duvidar das histórias sobre a leitura e a escritura em ligação exclusiva com a escola, e isso ainda mais quando autores, como o utopista socialista E. Cabet (foram muito lidos no século XIX), teorizaram a transmissão doméstica da leitura e da escrita na mais recuada idade da infância... “Até aos cinco anos, a educação é doméstica; e durante esse tempo, as mães e os pais ensinam à criança a sua língua, a leitura, a escrita, e prodigiosamente conhecimentos materiais e práticos (*Voyage en Icarie*, p. 78).” Aos cinco anos começa a educação *comuna*, até aos dezessete e dezoito anos, combinada com a educação *doméstica* (p. 79)... A criança aprende a escrita sob a direção de sua mãe e desde o momento que sabe escrever, não se suporta mais que ele escreva de maneira ilegível (p. 79)... A criança aprende a *escrita* de acordo com os mesmos princípios do que o jogar: com prazer, sob a direção de sua mãe, que lhe explica a razão de tudo o que ela o faz fazer; porque há sempre uma razão para que se proceda de determinada maneira em vez de uma outra, e um dos nossos grandes princípios é o de exercer, sem interrupção, a inteligência e o julgamento da criança, acostumando-a a raciocinar tudo, a perguntar sempre a causa e a explicar sempre o motivo. Assim a mãe explica à criança como deve prender a pena e por

⁸ Trata-se do pai da minha avó paterna.

que, como deve colocar seu papel e por que... Em todos os segmentos da educação, unimos sempre a teoria e a prática (p. 85). Este método para exercer o raciocínio aplica-se a tudo e utiliza-se em contínuo por todos aqueles que se aproximam da criança... Ensina-se a ela também a não avermelhar-se quando não conhece o que não lhe foi ensinado e a responder sem hesitar *Não sei*, quando ela ignora. Você pode conceber todas as consequências desta prática de tudo examinar e de raciocinar sempre (p. 85).

Observa-se, assim, em E. Cabet, que a transmissão da escrita se faz naturalmente na vida doméstica... De fato, o pai de Simon-Gardan, meu bisavô, aplicava os princípios ensinados nesse movimento comunista cristão, que reuniu então mais de 150.000 membros...⁹

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Concordo com suas observações. Com efeito, quando vim de Portugal para a França, aos doze anos, se eu tivesse somente contado com a escola, a minha aprendizagem do francês teria sido indubitavelmente dolorosa e sobretudo muito longa. À minha chegada, meteram-me em uma aula, sem acolhimento ou transição particular e dois níveis inferiores à minha idade. Sabendo somente algumas palavras em francês, não podia fazer-me compreender. Apreendi bastante depressa que tinha que me formar por mim mesma. Um vizinho propôs-me uma colecção de livros para criança, bandas desenhadas (*história em quadrinhos* em brasileiro). Apreendi esta ocasião e por mim mesma a língua de Voltaire, associando o texto e as imagens. Graças a este trabalho pessoal, pude exprimir-me. Não será isto a autoformação?

Remi HESS: Sim. Isso explica meu interesse para a problemática da educação informal e o movimento de educação ao longo da vida. Em todos os meios, houve pessoas que se formaram fora da educação formal que, aliás, no século XIX era extremamente limitada.

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Qual é a sua prática pedagógica do diário?

Remi HESS: Até 1974, isto é, um ano após minha defesa de tese

⁹ Como o mostra Henri Desroche, em seu prefácio de 1970 (Anthropos), na reedição da referida obra.

de sociologia política em Nanterre¹⁰, eu não tinha tomado consciência do interesse dessa escrita doméstica fora do quadro estreito da casa... Para mim, a escrita universitária deveria ser de uma outra natureza que aquela que se faz em casa, visto que o meu pai que era um grande escritor doméstico (nós sempre admiramos a qualidade do estilo de suas cartas) e era também alguém que, bolseiro, tinha falhado o seu primeiro bacharelado em 1927..., sendo assim obrigado a tomar o caminho da fábrica! Ora, lida com a competência do diretor de pesquisa que eu sou hoje, penso que a minha tese estava longe de ter as qualidades de escrita, tenho vontade de dizer “científica”, que tinham certos documentos familiares... Entretanto, eu a pude publicar quando, a não ser Simon-Gardan, ninguém tinha conseguido editar alguma coisa relativa aos papéis de família... Ao nível da escrita, eu vivia num mundo de representações clivadas, entre o mundo do doméstico e o mundo escolar e universitário. De fato, eu devo muito a G. Lapassade e R. Lourau, que me fizeram, de um lado, publicar os meus primeiros textos desde 1970, mas sobretudo entrar em Vincennes como encarregado de aulas nas ciências da educação em junho de 1973,... onde eu descobri uma nova população estudante, aquela dos “não-diplomados do liceu” e dos “Estrangeiros” que esse centro universitário experimental queria naquele momento acolher... Nosso departamento desenvolveu, em nome dessa população, uma pedagogia muito baseada na palavra, em que a escrita não era valorizada. Assim, estes trabalhadores sociais conseguiam bastante facilmente obter uma licença em três anos, mas eram bloqueados ao nível do mestrado, quando lhe pediam para produzir um texto de 100 páginas. Menos de um licenciado em cada dez conseguia escrever um mestrado!

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Por que se ensinava somente pela palavra?

Remi HESS: Não era "pensado". Havia muitos estudantes. Falava-se muito. Valorizava-se o debate, a polêmica. As aulas davam, então, a impressão de ser assembleias gerais políticas.

¹⁰ R. Hess, *Les maoïstes français, une dérive institutionnelle*, Paris, Anthropos, 1974.

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Você estava na contracorrente?

Remi HESS: Em 1974, neste contexto, produziu-se um elemento determinante que me permitiu pensar que o diário poderia ser um instrumento excepcional para resgatar o gosto pela escrita nessa “clientela” das ciências da educação, frequentemente traumatizada por sua passagem no liceu... e para estabelecer, assim, uma ponte entre minha tradição de escrita familiar e a universidade. Esse elemento determinante foi o meu encontro com Raymond Fonvieille, professor de Gennevilliers, que tinha sido convidado por Rene Lourau a vir a Vincennes. Durante sua conferência sobre o nascimento da pedagogia autogestionária, contou que foi conduzido a manter um diário sobre sua prática pedagógica durante mais de dez anos, e que a prática indicada era essencial para agir... Seu discurso falou-me em diversos níveis. Eu era um professor de liceu desde 1971 e via, para mim, o interesse do diário de classe que mantinha Raymond, mas via-o também como uma forma possível para os meus estudantes, também confrontados com os seus terrenos educativos! Eu meditei essas coisas durante dois anos. Na época, eu escrevia muito, às vezes demasiado depressa, mas tinha tanto orgulho em ser publicado! Alguns trabalhos testemunham este período, mas eu perdi um texto longo que tinha a forma de um diário, enviado a Bruxelas, a fim de que ele fosse publicado, mas não tive a precaução de duplicá-lo (a fotocópia ainda era rara)... Foi perdido! Em 1976, o departamento me confiou a missão de explorar novas formas de escrita, para fazer produzir os nossos estudantes de mestrado. Para mim, nesse tempo, o diário era somente uma forma de escrita implicada, entre outras. Propus aos estudantes trabalhar também a correspondência, a história de vida ou a monografia do estabelecimento.

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Essa técnica conseguiu atingir os objetivos propostos?

Remi HESS: A pedagogia do diário teve resultados, visto que a taxa de sucesso no mestrado aumentou gradualmente. Qual era a minha verdadeira influência no desenvolvimento da forma do “diário” como exploração do vivido institucional dos estudantes? Não posso avaliá-la eu mesmo. O certo é que, em 1985, a revista de *Pratiques de formation*

publicou o número 9, dirigido por René Barbier, quase exclusivamente consagrado ao diário. Incluía 12 textos a propósito do diário das quinze contribuições. O volume teve um grande sucesso. Tornou a ser editado... Naquele tempo, uma boa dezena de professores de Paris VIII utilizavam a forma do “diário” em sua pedagogia da escrita... Entre os mais famosos naquele tempo, havia Michel Lobrot, George Lapassade e Rene Lourau. Pessoalmente e ao contrário de G. Lapassade, que utilizava o seu diário para popularizar as reformas pedagógicas que ele tentava instalar, eu não fiz circular o meu diário na universidade, como fazia no liceu onde trabalhava, principalmente... Não quis que os meus estudantes se identificassem com um modelo. Se eu lhes dava instruções, eu não quis impor um quadro demasiado constrangedor... É somente em 1989 que eu publiquei um diário mantido no liceu nos anos de 1982-83... Entrementes, tornei-me universitário em tempo completo...

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Por que é que o modelo de identificação podia existir na universidade, mas não no liceu?

Remi HESS: No liceu, eu utilizava o diário como instrumento de intervenção. Eu fazia lerem o meu diário com vistas a mudar a vida do estabelecimento. Eu não pedia aos meus alunos para manter um diário. Pelo contrário, na universidade, eu queria que os meus estudantes se lançassem nessa escrita.

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Se eu compreendi bem, no liceu, era um instrumento “instituinte”. Teve algum impacto para mudar realmente as coisas?

Remi HESS: Sim. Não posso entrar aqui em detalhes, mas as mudanças conduziram, por exemplo, à transferência de um reitor incompetente. Publiquei esse diário no livro *Le lycée au jour le jour*. Este livro teve uma verdadeira influência. Ele será certamente publicado de novo. Vai ser publicado em italiano, e amigos brasileiros pensam que se deve publicá-lo no Brasil... Quando vim a ser universitário em tempo integral, em 1986, sempre gabei a prática do diário, mas como se fosse um vai-de-si... Entretanto, a equipe docente do departamento foi renovada. Os antigos foram para a reforma. Novos chegaram... E o que caracteriza os “novos” é que não partilham os vossos vai-de-si! De

maneira lancinante, mas contínua, a ideia segundo a qual o diário não era um método de pesquisa rigoroso, que era mesmo uma prática “não científica” foi sendo abandonada de uma maneira cada vez mais frequente... Em 1996, na altura de um dos meus seminários, um estudante africano contou-me a sua situação de pesquisa, particularmente caótica: tinha obtido uma bolsa da França para se formar e devia assistir às aulas num instituto parisiense, com um público 99% francês, onde nunca era questionada a falta de senso (para ele) das aulas que ele era obrigado a assistir, pois nenhuma das profissões apresentadas nessa formação existiam tal qual em seu País... Eu lhe tinha sugerido manter um diário de formação onde poderia objetivar tudo o que lhe passasse pela cabeça quando ele frequentava suas aulas. Pensei que a descrição e a análise desse abismo que existia entre o que ele pedia e o que lhe era proposto, podia permitir uma coleção de dados a ser explorada, o que conduziria à definição de uma nova formação, mais adaptada às suas necessidades... Entretanto, o mesmo estudante, inscrito, além disso, no seminário de um jovem e brilhante colega, viu-se calar o bico quando anunciou a sua atividade de diarista da maneira que segue:

- De nenhuma maneira o diário é uma pesquisa... Um trabalho universitário é outra coisa. Isso necessita de uma problemática, hipóteses, um plano, uma coleção de dados, etc. O diário é um despropósito, é incoerente. Uma pesquisa universitária deve desenvolver-se segundo uma ordem construída e lógica...
O estudante, desapontado, voltou ao meu seminário, anunciando-me que tinha interrompido a prática do diário.
- Com o que você o está substituindo?
- Com nada...

Todos os meus argumentos na direção de que este estudante continuasse a sua escrita diária não serviram para nada. No entanto, eu tentava mostrar-lhe que o discurso que o meu colega teve talvez não fosse contraditório em relação ao meu. Para mim, o diário é uma etapa. Escreve-se lá tudo o que vos passa pela cabeça... E, a um certo momento, é necessário ler-se outra vez, pôr em forma suas ideias, ordená-las. Mas como ordenar um pensamento que nunca se objetivou nos seus meandros sucessivos? O meu discurso não foi ouvido... Penso que este estudante retornou à África sem DEA nem tese, a menos que tenha se estabelecido como empregado de mesa num restaurante da rua Mouffetard! ...

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Isso não vai no sentido do diário de itinerância que propõe René Barbier?

Remi HESS: Sim. René Barbier escreveu o seu primeiro texto sobre o assunto em 1985, no número de *Pratiques de formation* evocado há pouco. Retomou a problemática na sua *Approche transversale* (Anthropos, 1997). Penso que a postura de René é muito próxima da minha. Desde aí, nós trabalhamos juntos, no mesmo laboratório. Nossa aproximação data dessa época (1996), quando uma clivagem se construía nas ciências da educação entre os “pedagogos da escrita”, que somos nós, e um grupo de docentes mais abstratos. Com efeito, quando eu relatei em reunião pedagógica a aventura do estudante africano, uma boa parte do grupo dos professores presentes nesse dia concordava: o diário, não é pesquisa! Eu tinha encontrado a mesma prevenção no IUFM de Reims, onde procurei uma vaga de professor em 1990 e onde esperava reorganizar toda a formação dos docentes, mantendo um diário de formação, segundo o modelo sugerido por Miguel Zabazla, na Espanha... Aqui também, meus colegas muito estimados, julgando que essa escrita era uma das minhas obsessões, haviam tomado firme posição a respeito de que manter um diário não tinha nada a ver com a formação dos mestres! Hoje, as coisas mudaram, visto que no próximo 15 de novembro, vou falar à frente de uma assembleia de 200 futuros docentes do IUFM de Rouen, justamente sobre a prática do diário!

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Esta hostilidade de seus colegas não o fez mudar de perspectiva?

Remi HESS: Sim e não. Frente a tal consenso, decidi interrogarme. E se eles tivessem razão? Talvez a população da universidade tinha mudado. Talvez os novos estudantes não tivessem mais problemas com a escrita, etc.... De tempo em tempo, transgredi fazendo uma aula aqui outra acolá sobre a técnica do diário, mas não estava mais certo de nada! Decidi-me a fazer uma pesquisa sobre a questão. Nessa época, eu dividia a minha atividade de pesquisa entre dois terrenos muito distintos. De um lado, eu tentava desenvolver um ensino de dança de salão na universidade, mais particularmente sobre o tango; de outro, dedicava-me de maneira intensa, desde 1974, ao terreno da pedagogia intercultural... Os dois terrenos sobrepunham-se. Por que não tentar seriar as coisas

mantendo diários?

A pedagogia do tango. Isso pode parecer curioso a certos colegas, mas em Paris VIII ainda se pode experimentá-la de vez em quando. E eu pensava que a dança de par podia ajudar a formar homens e mulheres à vontade em seus corpos, capazes de tomar cuidado do outro (a mulher, o homem) e de gerar o par dentro do grupo. Para mim, era uma prática tão legítima que a invenção da dinâmica dos grupos nos anos 1960... Paris VIII, sendo uma universidade que recebe muitos estrangeiros, esta experiência incluía dimensões interculturais interessantes que eu me propunha objetivar, fazendo com que meus estudantes, eles mesmos, mantivessem o seu diário de aprendizagem! Eu devo dizer que encontrei apoio em certos colegas, que compreenderam serem meus objetivos (particularmente os diferentes presidentes da universidade que se sucederam em Paris VIII) e essa atividade analisadora o suporte ideal da escrita dos diários. Ao mesmo tempo que os meus estudantes escreviam seu diário de aprendizagem, escrevi o meu diário pedagógico que era, simultaneamente, um diário de pesquisa... 600 páginas desse diário, correspondendo a dois anos acadêmicos, foram publicadas em dois volumes.

O Intercultural. Aqui ainda, nesse terreno, encontrava-me frente à desordem... Tinha que arranjar a desordem, tentar habitá-la. Desde 1974, eu fui convidado a observar, segundo o método da observação participante, as situações interculturais (das trocas de classes primárias francesas e alemãs) sobre as quais eu escrevi diversos artigos (a literatura cinzenta destinada a meus comanditários)... Mas eu não conseguia extrair algo de teórico, de largamente partilhável. Entretanto, em vinte anos, eu tinha passado 400 dias completos de observação. Sentia-me deprimido por ser obrigado a publicar frequentemente sobre pesquisas (via de regra superficiais), quando eu tinha aqui um verdadeiro terreno e, embora dispusesse de centenas de observações, não conseguia extrair algo de coerente, de teórico, útil para os docentes, que participavam agora, cada vez mais numerosos, de tais discussões... Era necessário objetivar as minhas dificuldades, que eu as organizasse, que eu tentasse analisá-las... Manter um diário concentrado sobre tal questão pareceu-me um bom objeto ...

Pode-se ver, nesse tempo, que eu não tinha “um” objetivo e somente um, mas diversos: instalar o tango na universidade, avançar a minha pesquisa sobre o intercultural, tentar teorizar a prática do diário...

Isso constitui três objetivos. Com efeito, eu serei conduzido, durante esse período, a abrir outros diários, descobrindo novos terrenos que eu não queria viver sem guardar traços...

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Instalar o tango na universidade e desenvolver o diário: não seria muito para causar ainda mais hostilidade?

Remi HESS: Certamente. Eu era provavelmente desajeitado, mas seguia as minhas obsessões.

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Qual é a relação entre o tango e o diário?

Remi HESS: A aprendizagem do tango é algo muito forte no plano emotivo. Ora, eu penso, para pessoas que não conseguem escrever, começar a reflectir sobre uma aprendizagem realmente problemática é algo de muito estimulante. Por exemplo, se você convidar um homem para a fazer dançar, e que lhe diz “não”!, você quer logo reagir. Se você tiver um caderno nesse momento, você começa a escrever. É o impulso emotivo que permite a entrada na prática do diário. No liceu, os conflitos com o reitor eram também um excelente estímulo à minha escrita diária. Para minha mãe, as tensões comigo eram sempre pretextos para longos desenvolvimentos no seu diário, etc. É a dimensão “terapêutica” do diário.

Clarisse FARIA-FORTECOEF: A propósito de tensões, é verdade que eu observei o quanto a escrita pode contribuir para a reflexão e para tomar recuo. Na altura do meu DEA, vi chegar um novo diretor na empresa onde eu trabalhava e que tinha a intenção de mudar tudo, de tudo subverter. Isso não tinha senso. No começo, fiz resistência, mas compreendi muito rapidamente que era necessário que eu tomasse recuo e pus-me, então, a escrever. Produzi uma escrita que utilizei no meu DEA. O choque emocional que provocou essa mudança institucional, foi uma verdadeira “alavanca” para a minha própria escrita. Fiz, assim, essa experiência sobre a qual você fala. Sendo bastante metódica, inscrevi essa escrita numa perspectiva de análise institucional. Isso pareceu-me essencial para compreender melhor a minha implicação e os

eventos que se passavam à minha volta. Penso que se eu tivesse adotado o método do diário teria, indubitavelmente, nesse momento, usado dois ou três diários. Não estará isso de acordo com o pensamento segundo o qual é necessário escrever diversos diários?

Remi HESS: Sim. Próximo a 1996, abro cinco diários distintos... e assim tenho na mente uma boa dezena de objetivos diferentes... Esse discurso deve perturbar os militantes da pedagogia ou da pesquisa por objetivos. Extraio o meu modelo de organização de vida em uma profissão menos estimada do que aquela de professor, mas que, para mim, é essencial: aquela de trabalhador de aterros. Eu a pratico em paralelo à minha profissão no meu jardim de Champagne... Decidi-me a mover um monte de terra de mais de 100 m³ que esconde a vista atrás da janela da minha cozinha... A estimativa foi feita por um profissional. Sabendo da impossibilidade de trazer uma escavadeira moderna nesse terreno, tudo teve que ser feito com um carrinho de mão... o custo da tarefa é exorbitante, demasiado alto para considerar sua realização por um profissional. Assim, comecei, certos dias de férias quando o tempo permite, a encher carrinhos de terra e a remontá-los no fundo do meu jardim... Primeiro objetivo. Entretanto, rapidamente, pude descobrir que o meu monte era constituído de diversas camadas: boa terra, favorável à jardinagem, terra muito gredosa a esconder embaixo pedras pequenas, pedras bonitas e grandes de Champagne, etc. Considerando o cansaço que representa tal trabalho, rapidamente comecei a racionalizar a minha atividade. Em função do seu conteúdo, eu reparti os meus carrinhos em vários lugares do jardim. Decidi-me a pensar um jardim em terraços, segundo o modelo da paisagem das *Cinque Terre* em Liguria (Italia) onde, como em minha terra, o terreno tem um considerável desnível. Para proteger-me do vento do norte, decidi, no fundo do jardim, construir uma parede de dois metros e meio de largura em cima da qual eu plantei Tuias. O cascalho permitiu-me assegurar a base da fortificação. Eu misturava lá a terra gredosa... Com as pedras bonitas, montei paredes secas... Quanto à boa terra, eu coloquei-a num sítio para jardinagem... Assim, em paralelo, eu realizo cinco ou seis atividades. Alguém que me observa pode pensar que eu apenas encho um carrinho mas, nesta ação, consigo diversos objetivos: de um lado, faço desaparecer devagarinho (demasiado devagarinho) o meu monte, construo a minha parede, extraio dia após dia uma paisagem de terraços no meu jardim, aumento a minha

superfície cultivável, mantenho a minha forma física, acalmo-me quando estou contrariado no terreno profissional, construo em minha cabeça os meus próximos livros, preparo as minhas aulas, etc. Penso que a ideia que uma sessão pedagógica deva incluir somente um objetivo e um só é uma idiotice. Em aterro, isso significaria fazer diversas vezes o trabalho de seleção das calças se, inicialmente, eu não me ocupasse de recuar o meu monte para obter mais luz na minha cozinha! Como rentabilizar simultaneamente um esforço sobre diversos níveis, já que tal foi sempre a minha perspectiva de ação. Como maximizar a rentabilidade dos esforços que fazemos? É uma questão econômica, mas bem que me sentindo profundamente filósofo, fui também professor de gestão durante doze anos! Basta de brincadeiras, é necessário que eu agora faça o fio dessa metáfora do aterro. Minha vivência é rica de mil coisas que, juntas, constituem um montão, uma desordem com a qual eu não posso fazer nada. Tenho a vista obstruída pelo meu cotidiano, tão rico ele seja! Necessito luz. Para isso, é necessário liberar-me dos carrinhos em função do tempo e das forças que tenho... Poderia manter um diário total, onde anoto tudo o que ocorre em minha vida, mas deveria fazer muitos esforços para não grande coisa, porque que fazer com todo esse cotidiano misturado? Certamente, escrever um diário total é melhor do que não fazer nada, mas ao mesmo tempo, ao decidir centrar a minha escrita sobre perspectivas previamente definidas, posso arranjar certos desenvolvimentos a certos níveis... É ao escrever este diário, ao fazer este trabalho, que descubro não haver somente terra no meu monte; também lá tem outros materiais. É necessário então que eu classifique, faça grupos, para ver o que permite tal ou tal montão de pedras. Cada diário é como um montão de materiais, já apartados. Às vezes, neste trabalho de organização da desordem, encontra-se tesouros... Imediatamente, vê-se que ele vos oferecem um novo princípio de organização. Oferece-lhe novos possíveis ... Uma tal descoberta pode ser a origem de um redesejamento dos canteiros em andamento. Um novo objetivo enxerta-se naqueles já lá... Esta transversalização dos objetivos é às vezes fastidiosa de viver: se poderia quase pensar que ela conduz a uma dissociação. Com efeito, o trabalho de escrita diária é uma maneira de sair da dissociação¹¹ e de classificar, de organizar, de pôr em

¹¹ Sobre este assunto, ver o belo livro de G. Lapassade, *La découverte de la dissociation*, Paris, Loris Talmart (22 rue du Cloître Saint-Merri, 75004 Paris), 1998.

forma as diferentes descobertas que cruzam o cotidiano do pesquisador.

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Isso me faz pensar no trabalho que nós fizemos acerca do nome da nossa associação **Fractalia**. As fractais são figuras geométricas ou objetos naturais irregulares cuja irregularidade é a mesma a todas as escalas e cujas partes têm a mesma estrutura que o todo. Por exemplo, na natureza, nós encontramos os flocos de neve. Na nossa associação, nós fazemos diversas coisas que parecem diferentes à primeira vista, mesmo espalhadas ; no entanto, elas imbricam-se num mesmo todo que nós queremos ao mesmo tempo ancorado na realidade e aberto sobre o imaginário. Por exemplo, Dali usou as fractais para pintar por exemplo, a sua *Face da guerra* (1940). Assim, nas fractais, à primeira vista bastante matemáticas, pode-se encontrar poesia (Dali).

Remi HESS: De acordo. O cotidiano do pesquisador, como aquele do docente, ou mesmo da maioria dos pessoas, faz passar de uma coisa a outra. O pensamento, ele mesmo, passa por fases múltiplas onde reflexões práticas alternam com reflexões teóricas. Os encontros, as leituras se sucedem umas às outras em função de tudo o que ocorria a atualidade pessoal ou social (leitura dos jornais, a investigação no terreno, a visita a livrarias, a confrontação com colegas, a participação nas conferências, etc.). A escrita do diário permite coletar de vez em quando no vivido do dia a dia “instantes” que se vivem e que nos parecem trazer neles uma parte de significado. O trabalho universitário requer o desdobramento de um pensamento hipotético-dedutivo. Entretanto, o cotidiano, como além disso o sonho, não segue a mesma lógica. O cotidiano é associativo. Segue as formas do pensamento transductivo. Na *Implication/transduction*, René Lourau foi o primeiro a reavaliar a importância do pensamento transductivo na criação e na invenção intelectual. Como passar da forma criativa do pensamento transductivo a uma escrita onde a forma de exposição seja mais construída? Como passar do transductivo ao hipotético-dedutivo? É necessário ter mediações. O diário mantido em objetos já identificados, e assim contendo uma problematização virtual ou já formulada, parece-me ser uma mediação ideal. A indexação dos diários é a técnica que pode então permitir retomar as peças reunidas no diário, e arranjá-las na escrita construída, que é o relatório, o livro ou a tese. A indexação não

consiste em encontrar as palavras-chave, mas melhor, em encontrar nas fórmulas temáticas os vários tópicos vistos parágrafos após parágrafos. Partindo deste trabalho de objetivação do conteúdo do diário, é então possível construir uma tábua alfabética, que permite de recolher sob o mesmo termo ou sob a mesma denominação todas as observações, reflexões, análises sobre dado assunto. Partindo de uma reflexão sobre a tábua alfabética, o diarista pode reconstruir um texto lógico à volta de um plano em três partes, ele mesmo subdividido em três subpartes, etc. Vê-se aqui que o método da coleção de dados que o diário constitui não é em nada, para mim, uma alternativa à pesquisa, mas bem pelo contrário, um momento, uma etapa (para mim essencial) da pesquisa... Se eu publiquei alguns dos meus diários, é porque eles eram já bastante ordenados à volta de uma problemática, e porque assim eles permitiam atualizar a gênese do pensamento¹². Se eu quis escrever hoje este texto com você, e dá-lo à revista da nossa disciplina, é que eu gostaria de ter as reações dos meus leitores de modo que eles me ajudem a assegurar-me de novo que estou no bom caminho. Certamente, não penso que o meu método é a única maneira de produzir pesquisa, mas penso ainda assim que essa técnica, pesada, exigente é uma maneira de não deixar se perder as pequenas pepitas que no cotidiano ocorriam sobre os assuntos nos quais nós tentamos avançar.

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Você esclareceu bem até agora o período do fim dos anos 1990. Nesses últimos anos, o diário está no centro da sua prática de pesquisa?

Remi HESS: Sim. Eu continuo a escrever meu diário. Nos anos 1970-80, eu falei sobre “o diário institucional” ; nos anos 1990, do diário etno-sociológico. Hoje, falo de diário dos momentos.

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Que quer dizer você com o “diário dos momentos”?

Remi HESS: Eu esclareci a minha postura numa entrevista recente

¹² Para mim, um dos melhores exemplos de diário que seja ao mesmo tempo o produto de uma pesquisa é o livro de Hubert de Luze , *8760 heures, journal d'une année quelconque*, Paris, Loris Talmart, 1999, 321 páginas, onde o autor utiliza essa forma para desenvolver uma reflexão sobre o que seja pensar, criar.

com Kareen Illiade, que serve de postface à edição do diário de Janusz Korczak: *Moments pédagogiques*¹³. Apresentei esta postura na altura da conferência de Salvador, Bahia, sobre *Tempos, narrativas e ficções, a invenção de si*, em setembro de 2006¹⁴. Tinha já apresentado ao público brasileiro a minha teoria dos momentos¹⁵, e Joaquim Gonçalves Barbosa publicou um volume de *Cadernos de Educação, Reflexões e Debates* sobre a prática do diário, que compreende um texto que eu escrevi com Gabriele Weigand: “A escrita implicada” (2006)¹⁶. A estes artigos, seria necessário juntar *Produzir sua Obra, o momento da tese*, publicado no Brasil, em Liber Livro¹⁷; este editor anuncia a tradução de *La pratique du journal* para abril de 2007. O leitor brasileiro não ignora, assim, o lugar que eu dou ao diário na construção dos momentos. Minha ideia é que eu sou dissociado, e que a cada uma das minhas dissociações intelectuais pode corresponder um diário, se eu decidir construir essa dissociação como momento. Assim, eu mantenho um diário pedagógico, um diário de paternidade, um diário de minha casa, diários de viagem, um diário das ideias, um diário da minha vida de pintor, um diário da minha saúde, um diário de pesquisa qual subdividido em dez diários diferentes, segundo os temas de pesquisa que eu continuo, um diário, intercultural, etc.

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Por que falar de dissociação visto que tudo parece-me, a mim, estar em relação?

Remi HESS: O que eu quero dizer é que eu me fragmento cada

¹³ R. Hess et K. Illiade, "Moment du journal et journal des moments", suite à Janusz Korczak, *Moments pédagogiques*, trad. d'Ana Royon, Paris, Anthropos, 2006. "Moment du journal et journal des moments" é também o título de uma coleção que Kareen Illiade dirige nas Presses universitaires de Sainte Gemme.

¹⁴ R. Hess, "Momento do diário e diário dos momentos, Tempos, narrativas e ficções, a invenção de si, Salvador, Elizeu Clementino de Souza, Maria Helena Menna Barreto Abrahão (orgs), prefácio Christine Josso, 2006, p. 89 a 103.

¹⁵ 2004 "A teoria dos momentos contada aos estudantes" (trad. de "The theory of Moments told to the Students", conferência pronunciada em New York em fevereiro de 2004). Tradução de Danilo Di Manno de Almeida, *Educação e Linguagem*, dossier: *Multireferencialidade e Educação*, Ano 7, n°9, jan.-jun. 2004, São Bernardo do Campo, UESP, São Paulo, p. 26-44.

¹⁶ R. Hess e Gabriele Weigand, "A escrita implicada", *Cadernos de Educação, Reflexões e Debates*, Universidade Metodista de São Paulo, abril de 2006.

¹⁷ R. Hess, *Produzir sua Obra, O momento da tese*, Brasília, Liber Livro, série Pesquisa, n°11, apresentação de Christine Delory-Momberger, trad. de Sergio da Costa Borba e Davi Gonçalves, 187 p.

vez mais. Amiel, no século XIX, escreveu um diário íntimo de 16.000 páginas. Fala sobre todas as dimensões de sua vida. Pessoalmente, cada momento merece um diário específico. E enquanto eu envelheço, eu diferencio sem interrupção e cada vez mais os meus momentos. Assim, o diário é uma cartografia dessa dispersão. Se houver um esforço de totalização, é no nível parcial, no nível de cada momento.

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Então, por que falar de dispersão visto que uma cartografia dá uma vista geral da unidade, da totalidade, da globalidade?

Remi HESS: Sim. Talvez. O que eu procuro dizer, é que a unidade da pessoa está na “última instância”. Inicialmente, eu divido-me, decompou-me. Cada novo momento identificado é para mim uma conquista. Assim, quando identifico um novo tema de pesquisa (*Journal de mes aliénations*, por exemplo), sinto-me feliz. Isso me faz avançar. Há uma dialética dos momentos. Pessoalmente, sou consciente do movimento entre a universalidade (minha pessoa), as minhas características (temas dos meus diários), e a singularidade do meu método no movimento das histórias de vida desde a invenção da escrita.

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Isso parece-me ser contrário ao pensamento de Krisnamurti, que procurava realizar uma vida sempre inteira, não fragmentada. Todos esses momentos de que você fala correspondem, se eu compreendi bem, a temas. Pode-se assim falar de fragmentação, de dispersão? Na autobiografia raciocinada, eu encontrei uma pessoa que relatou sua vida sob a forma de categorias. A historicidade não tinha senso para ela. Ela pensava através da sua profissão, dos falecimentos de suas relações próximas, suas viagens, suas mudanças. Sua vida era organizável com estas categorias. Se escrevesse um diário, esta pessoa teria, indubitavelmente, quatro diários, mas que formavam afinal de contas, um todo.

Remi HESS: Sim. Minha mãe abriu algumas vezes diários de leitura. Não queria misturar os comentários sobre sua vida de mãe e suas notas de leituras. Ela poderia, assim, ter escrito um diário da viagem. O diarista médio, aquele que mantém o seu diário sem realmente pensar na

teoria do diário, inventa os princípios de organização que podem ir no sentido das descobertas dos teóricos. Lembro-lhe que, para mim, o primeiro teórico do diário foi Marc-Antoine Jullien. Em 1808, propõe manter três diários: o da sua saúde, o dos seus encontros, o do despertar de seu espírito. De fato, escrevendo assim, abrem-se outras possibilidades. Nos diários de pesquisa, ele distingue os livros por letras: A: Educação, B : Política e administração; C: Mulheres (influência das); D: Avanço social, arte e ciências; andamento e progresso da civilização; E: Obstáculos à prosperidade pública; F: Grandes homens comparados; G: Religiões e instituições. É claro que, no fim do seu livro, inventa o diário dos momentos. Minha teoria do diário dos momentos impôs-se a mim, quando eu li o livro de Jullien que descobri em 1998.

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Com a informática é mais fácil hoje recuperar o que se escreveu do que na altura de Jullien. As chaves de pesquisa permitem ir mais depressa. Por outro lado, podemos nos interrogar se não se perde o sentido.

Remi HESS: Sim. A prova é que, com a informática, produzimos índices mecânicos, quando Jullien produzia uma tábua analítica, onde agrupava os temas, não as palavras. Podia agrupar dentro de uma mesma rubrica várias palavras mas com relação à mesma ideia. Etienne Cabet fez a mesma coisa no seu *Voyage en Icarie*. Assim, antes da informática, havia uma reflexão muito completa sobre a análise do conteúdo do seu diário, provavelmente mais completa do que o material de hoje nos permite fazer.

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Qual é a relação entre a teoria dos momentos e a temporalidade?

Remi HESS: O termo do momento é polissêmico. Pude identificar três das principais instâncias deste termo: o momento lógico, o momento histórico, enfim o momento como singularização antropológica de um assunto ou de uma sociedade. Para entrar nesta distinção, podemos observar que a língua alemã distingue dois tipos ao termo “do momento”. Primeiro, o neutro: *Das Moment* nos envia ao latim *momentum* (peso) o mais próximo parente de *movimentum* (movimento), isto é, um fator determinante numa dinâmica. Pelo contrário, ao

masculino, *der Moment* implica uma duração temporal que se deve confrontar com a noção de instante. O momento é então um espaço-tempo de uma certa duração, de uma certa densidade. O momento histórico é identificável numa dinâmica temporal. O momento antropológico será mais na espacialização. Aparece então como o concebido de uma forma que se dá a um vivido que se produz e reproduz dentro do mesmo quadro físico e/ou material. Na dialética de Hegel, a noção do momento lógico tem uma acepção dinâmica: se pode encontrar no conceito do momento, origens “mecânicas”. O momento entra em uma dinâmica. Entre 1725 e 1803, três teóricos, interessando-se pelo movimento, em estático ou em dinâmico, utilizam o conceito de momento. No seu tratado *La Nouvelle mécanique* (1725), Pierre Varignon enuncia, pela primeira vez, a regra de composição das forças concorrentes. É nesse livro que é desenvolvida a primeira *teoria dos momentos*. Leonhard Euler, matemático, no seu *Traité complet de mécanique* (1736) introduziu o termo de momento em uma análise e uma ciência do movimento. Em 1803, Louis Poinsot, matemático francês, retoma este termo no estudo mecânico dos pares e desenvolve uma teoria importante acerca da rotação de um corpo (Sylvester e Foucault recuperarão esta teoria).

Este contexto semântico não escapa à Hegel quando concebe sua lógica dialética. Na *Introdução à crítica da filosofia do direito*, Hegel elabora o modelo de uma dialética organizada em três momentos. Patrice Ville ensina que a dialética hegeliana distingue a **universalidade, a particularidade e a singularidade**. Segundo a etimologia das palavras que nos propõe Patrice na sua tese, a **UN**iversalidade remete à unidade positiva, a **PART**icularidade à parte, elemento do todo, e a **SIN**gularidade ao princípio da conjunção (em grego, é a conjunção entre o todo e suas partes). As propriedades dos três momentos hegelianos são as seguintes: cada momento é a negação dos dois outros, cada momento é afirmação dos dois outros; são indissociáveis; eles estão ao mesmo tempo em relação negativa e em relação positiva com cada um dos dois outros.

Para Hegel, existe também o momento histórico. Para definir o momento na história, nós devemos, em primeiro lugar, distingui-lo do instante, tempo breve, instantâneo. O momento se coloca como a “revelação”, tipo de “insight”. O “é isso” é uma forma dessa revelação. O instante é efêmero (Kierkegaard). Dura somente um instante.

Acontece somente uma vez. Pode ser “iluminação” para Ernst Bloch. Em oposição, o momento tem uma consistência temporal. Por exemplo, na história da filosofia, poder-se-ia definir Sócrates ou Platão, Santo Agostinho, Descartes, etc. (e assim com eles suas obras) como “momentos” do pensamento sistemático. Na história da economia, K. Marx retoma esse conceito distinguindo fases, estágios na história humana que são os momentos dessa história. K. Marx distingue os principais modos de produção: a escravidão, a servidão, o assalariado, o comunismo. No mesmo movimento, distingue fases ou momentos no processo de desenvolvimento do homem: a concepção, o nascimento, a infância, a idade adulta. Esses diferentes momentos interpenetram logicamente na dinâmica de vida de um sujeito como um modo de produção dominante, em uma certa data histórica, podem ver sobreviver outras formas de trabalho: haverá já um espaço para o assalariado em uma sociedade com uma dominante feudal, por exemplo. Nesse contexto histórico, para Hegel ou Marx, o momento guarda algo do sentido lógico. A história da humanidade se desenvolve segundo uma lógica, aquela do sentido da história. Mas, na gênese histórica, se utilizará também o termo do momento em um sentido mais limitado, falando de “momento decisivo”, por exemplo. H. Lefebvre fala da batalha de Varsóvia (1917) como um tal momento. Se Trotski tivesse ganho essa batalha, o futuro da Europa e o comunismo teriam sido diferentes. O “momento decisivo” é uma intensidade estratégica na vida de uma sociedade.

Em seus escritos pedagógicos, Friedrich Schleiermacher mostra que a dificuldade da escola é mobilizar a criança que vive no presente para trabalhar na perspectiva de se preparar um futuro. O momento presente luta contra o momento futuro. “Em cada momento pedagógico, se produzirá assim sempre algo que a criança não quer. Cada momento pedagógico é precisamente como um momento inibidor. A consciência imediata é igual a zero. E mais longe: “Cada influência pedagógica apresenta-se como um sacrifício de um momento preciso para um momento futuro. Se quiser saber assim se temos o direito de fazer tais sacrifícios” [p. 46]. “O momento pedagógico” é um momento em que, excepcionalmente, o projeto do mestre encontra o projeto do aluno. Em uma história pedagógica, acontece às vezes que a oferta e a demanda estejam em sintonia. Aprende-se então muito rapidamente! Na história do sujeito, Francis Lesourd fala de “momento privilegiado”, no qual o

sujeito adulto revê seus projetos e suas perspectivas de formação. Trata-se da intensidade na vida do sujeito. Sigmund Freud falará, quanto a ele “do bom momento da interpretação”¹⁸. Com efeito, é a Joann Friedrich Herbart (1776-1841) que se deve a invenção da noção do “tato” em pedagogia. O tato é uma noção que será retomada por Schleiermacher. É, para o mestre, a arte de intervir ao bom tempo. Mesmo os desenvolvimentos os mais finos de Vitgotsky inscrevem no continuum do tato de Herbart. Este autor não é conhecido na França. Eu sonho editar em francês sua *Pedagogia gerale*, que foi publicada em 1806!

O momento como “singularização antropológica de um sujeito ou de uma sociedade”. Para definir tal acepção, nós devemos distinguir o momento da situação. A situação poussa os diferentes eventos que, falando materialmente, permitiram um advento. Esses eventos são organizados segundo a “Tentativa experimental” (C. Freinet) e criam um contexto cuja origem (por que tal momento, tal pessoa etc.) nos escapa em grande parte, e que podemos somente constatar. A situação é, assim, a resultante de uma série de circunstâncias que ocorrem, emergem, se colocam em lugar delas mesmo, condições cuja origem, o porquê e o futuro nos escapam. É a “sedimentação” dessa série de situações que, como na encruzilhada de linhas de fuga, cria o momento antropológico. A tomada de consciência de um já vivido, numa situação em circunstâncias similares, permite nomear e estruturar o momento (momento do trabalho, momento da criação) e poder de novo identificá-lo, a partir de seus critérios conhecidos, ligados aos elementos que constituem sua situação. Tomando consciência do **momento**, toma-se igualmente consciência da sua densidade ao mesmo tempo no espaço (situação) e no tempo (o retorno do momento sob uma forma comparável delimita no curso do tempo, vários momentos antropológicos nomeados (momento da refeição, momento do amor, momento do trabalho, momento filosófico, momento da formação, etc.). O momento como “singularização de um sujeito ou de um grupo social” existe já em Hegel, que distingue na sociedade o momento da família, o momento do trabalho e o momento do Estado. É sobretudo em Henri Lefebvre que se encontra um desenvolvimento e uma diversificação dessa teoria. Eu trabalhei muito com H. Lefebvre durante sua vida e continuei após sua morte. Ele pertence ao meu grupo de referência nesse terreno,

¹⁸ Cf. R. Hess, *La théorie des moments*, capítulo “Le bon moment”.

juntamente com G. Lapassade, R. Lourau e agora, J. Kozłak. O que mostra H. Lefebvre é que nós não temos meios para agir sobre o instante nem sobre as situações (imprevisíveis), a não ser desenvolvendo um sentido da improvisação que permita fazer frente a esse imprevisto. Pelo contrário, na condição de ser “conscientizado, refletido, desejado”, o momento, porque ele retorna, porque se o conhece cada vez melhor, acaba por “se instituir”, se deixa desenvolver de novo, despregar em uma história pessoal ou coletiva. Seu autor dá-lhe forma e ele próprio dá forma ao seu autor. Formar-se é dar forma e significado a seus momentos. H. Lefebvre diz: “A obra do homem é ele mesmo”. Em *A presença e a ausência*, ele explora profundamente o “momento da obra”.

O encontro com o outro, o encontro intercultural, pode se desenvolver no nível de um momento (dimensão etnográfica): compare-se, por exemplo, nosso momento de refeição ou nosso momento de escola, na França e na Alemanha. Mas o encontro pode também dar-se como objeto ao princípio da produção e da reprodução dos momentos de duas sociedades (dimensão etnológica). Situando essas comparações culturais em um conjunto mais vasto, ou sobre o plano histórico ou sobre o plano geográfico, alcança-se um nível ainda mais distanciado (dimensão antropológica).

Eu desenvolvi este tema para um número de *Pratique de Formation* que Francis Lesourd preparou e coordenou acerca de *Rythmes et formation*.

Clarisse FARIA-FORTECOEF: Agradeço por esses elementos, que conduzem a pensar sobre a utilização do diário no terreno da pesquisa, e mais geralmente para construir sua vida como um terreno de pesquisa.

